



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, às rádios do Rio Grande do Norte (93FM de Mossoró, rádio Caicó AM, rádio 96FM de Natal e rádio Difusora de Mossoró)

Natal-RN, 20 de agosto de 2009

Apresentador: Atenção, emissoras 96 FM de Natal, rádio 93 FM, rádio Difusora de Mossoró, rádio AM de Caicó, lá no Seridó. Nós vamos começar a entrevista com o excelentíssimo senhor presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. O Presidente viaja daqui a pouco para Ipangaçu. E essa viagem, o Presidente esperava que ia de aeronave, de helicóptero, mas o Presidente vai de carro. É uma viagem que vai demorar, em média, uma hora. Isso, pela 304 [BR-304], já que a (incompreensível) aquela reta de 70 quilômetros mais uns 30 e poucos quilômetros, deve demorar aí uma hora, uma hora no máximo a presença, ou melhor, a viagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

A satisfação é grande, do povo de Mossoró, da governadora Wilma - que tem feito um trabalho excelente no estado do Rio Grande do Norte, que acompanha o Presidente da República -, e a satisfação maior é dos potiguares, de todo este povo do Rio Grande do Norte. Bom, senhor Presidente, em nome de todos aqui presentes, da rádio 96 FM de Natal, do Gilson Cardoso da rádio 93 FM, Eduardo Colin, lá de Natal, e a Suerda Medeiros, da rádio Caicó AM. Eu, particularmente, Jota Régis, em nome da rádio Difusora, levando o abraço do diretor-presidente (incompreensível) agora, o Paulo Afonso Linhares, que é defensor público geral do estado e também do colaborador e amigo da emissora, o Crispiniano Neto, presidente da Fundação José Augusto.

Presidente, eu sei que o senhor tem muita a coisa a fazer. Vamos começar aqui, eu começo e depois a gente dá um giro por aqui. O que representa para o seu governo a implantação dos Centros de Educação



Tecnológica, ora inaugurados aqui no Rio Grande do Norte? Bom dia, senhor Presidente.

Presidente: Bom dia, Régis. Bom dia, companheiros Gilson Cardoso, Eduardo Colin e Suerda Medeiros... Colin e Suerda Medeiros. Bem, eu penso que representa a aposta que nós estamos fazendo no futuro do Brasil. Não seria extraordinário para o Brasil se nós estivéssemos fazendo estradas, fazendo hidrelétricas, fazendo biodiesel, fazendo a economia crescer, se concomitantemente nós não estivéssemos investindo na educação, porque a educação é que vai garantir um futuro de melhor qualidade para o povo brasileiro e um futuro de melhor competitividade para o Brasil neste mundo globalizado. Daí porque nós estamos investindo muito forte na educação, desde a creche. É a primeira vez na história do Brasil que o governo federal assume a responsabilidade de fazer investimentos em creches. Nós, quando terminarmos o mandato, em 2010, teremos dado dinheiro para que as prefeituras construam 1.500 creches neste país para que a gente possa dar às crianças a oportunidade de estudar desde muito cedo, para que as crianças possam chegar ao ensino fundamental melhor preparadas e para que as crianças possam, depois do ensino fundamental, fazer um ensino técnico profissional e depois chegar à universidade.

Quando nós tivermos concluído nosso mandato, nós vamos ter dado um salto de qualidade extraordinária na educação, por isso está comigo, aqui, o ministro da Educação, o ministro Fernando Haddad, junto com a nossa querida governadora, a Wilma, para a gente poder conversar um pouco sobre isso e os assuntos que vocês quiserem conversar.

Mas a educação, para mim, é fundamental. A educação é o que vai elevar o padrão de qualidade deste país diante do mundo, é o que vai elevar o padrão de qualidade da mão de obra do povo brasileiro, e é o que vai dar para nós muito mais possibilidades de exportarmos não apenas minério de ferro,



suco de laranja, carne, e tantas outras coisas, mas exportar, sobretudo, conhecimento, exportar inteligência, que é o que traz mais riqueza para o nosso país.

Apresentador: Gilson Cardoso, da 93 FM. Bom dia.

Jornalista: Bom dia, Régis, bom dia ao senhor presidente Lula. Já tivemos a oportunidade de entrevistar o Presidente por telefone, quando estávamos ainda na Difusora e ele em campanha política. Mas agora na condição de presidente. Presidente, eu começo a fazer uma pergunta que o setor salineiro gostaria de ter uma resposta do senhor. O sal... a exploração da mina do sal-gema, no Espírito Santo, foi suspensa pelo senhor e vai completar esse prazo agora, me parece dois anos. O sal chileno entra para valer aqui no Brasil. Qual é a... O que o setor salineiro pode esperar do senhor com relação a essa prorrogação ou não da exploração da mina?

Presidente: Veja, o que o setor pode esperar do Governo Federal é que eu lembro quando há um tempo a governadora foi a Brasília, me fez um pedido para que a gente não permitisse que tivesse qualquer problema que prejudicasse os trabalhadores que trabalham aqui com o sal. Nós assumimos o compromisso e vamos manter esse compromisso porque isso aqui gera riqueza para o estado, gera exportação, gera trabalho, gera renda, e que, portanto, nós não vamos desativar um setor para ativar outro.

Jornalista: Um prazo para (incompreensível).

Presidente: O prazo, veja... O prazo, no momento certo, a governadora certamente vai a Brasília...



Governadora Wilma de Faria: Vou entregar o documento agora.

Presidente: Ela... Certamente eu não chego a lugar algum do mundo que já não tenha uma reivindicação nova. E, na hora em que ela entregar a reivindicação, nós vamos atender, até porque tem estados que precisam da salineira para poder sobreviver. Tem estados que é apenas mais uma coisa que vai acontecer na economia. E eu sei o que representa para o estado do Rio Grande do Norte, o que representa para Mossoró, e nós, obviamente, vamos garantir a continuidade da prorrogação e o trabalho do povo do Rio Grande do Norte.

Apresentador: Passo aqui para o Eduardo Colin.

Jornalista: Presidente, bom dia. Eduardo Colin, 96 FM de Natal. O senhor falou em reivindicações, e aqui nós temos no estado, talvez numa bancada, e a governadora que mais (incompreensível), mais reivindica compromisso do governo federal com o Rio Grande do Norte, seja em relação à refinaria, à Transnordestina, ao aeroporto de São Gonçalo. Ela sempre vai lá, e temos acompanhado, fazer pedidos para o senhor. Agora nós tivemos a ampliação dos recursos do PAC aqui para o estado. Eu gostaria que o senhor falasse desses recursos novos que vão chegar para as obras no estado do Rio Grande do Norte.

Presidente: Olhe, o PAC tem uma vantagem extraordinária porque ele tem um recurso em que a gente tem uma certa mobilidade. Na medida que você contratou uma obra e aquela obra, por qualquer circunstância, teve um problema em um estado e aquela obra não conseguiu andar, você pode pegar aquele dinheiro do PAC e passar para outro estado, para uma outra obra que já tem projeto executivo, que já tem licença ambiental, porque aí você utiliza o



dinheiro que está disponibilizado para ser investido.

Veja, nós estamos no meio do PAC, porque entre a gente aprovar o PAC em 2007, e depois os governadores, os prefeitos fazerem os projetos executivos, depois fazer licitação, depois enfrentar tudo o que tem que enfrentar para uma obra ser executada – o que no Brasil não é fácil – as obras começaram a andar a todo o vapor, em todo o território nacional.

Nós, agora, e isso é uma surpresa que nós estamos anunciando, eu vou apresentar um outro PAC para o Brasil – 2011/2015. Apresentar por quê? Porque eu preciso colocar no Plano Plurianual, eu preciso colocar na LDO, eu preciso colocar dinheiro no orçamento, para quem entrar depois de mim, em 2010, já tenha mais ou menos as coisas engatilhadas. Então, a governadora Wilma vai ter que preparar outro PAC aqui no Rio Grande do Norte. Além das coisas que estão sendo feitas no primeiro PAC, o que ela acha que precisa ser feito de importante no estado, daqui para a frente, porque nós precisamos trabalhar essa questão do futuro.

Quando nós pensamos a Transnordestina, por exemplo, nós pensamos na interligação do Norte com Alagoas, com a Paraíba. Nós estamos fazendo apenas a primeira fase dela, que é ligar os dois portos mais importantes do Nordeste, que são Suape e Pecém. E isso vai entrar no novo PAC, porque não tem sentido você fazer uma obra que sai do porto de Suape e vai ao porto de Pecém sem passar nos outros estados do Nordeste para pegar carga, para trazer carga para cá, e isso vai baratear.

Além do que, esse investimento que nós estamos fazendo em obras apresentadas pelos governadores, veja que interessante, são obras que na primeira fase não foram apresentadas porque, certamente, o prefeito não tinha o projeto executivo ou a governadora não tinha projeto executivo. Quando apresenta, mesmo dois anos depois de lançado o PAC, essa obra entra porque nós temos essa mobilidade de fazer mudança. Mossoró entrou no PAC, Natal tem mais dinheiro do PAC e é assim que a gente vai conseguir desenvolver o



Nordeste Brasileiro. O que nós queremos é garantir que o Nordeste receba uma quantidade de investimento de forma perene, para que daqui a 10 ou 15 anos a gente tenha um Nordeste muito próximo das regiões mais desenvolvidas do Sul do País. Nós queremos, na verdade, é igualar o Brasil, fazer com que todos os estados recebam investimentos para se desenvolver e aqui no Nordeste, grande parte das escolas que nós estamos fazendo, é exatamente no Nordeste, porque nós queremos tirar o atraso a que o Nordeste foi submetido ao longo de tantos anos. Aqui era a região que tinha menos doutor, aqui era a região que tinha menos mestre, aqui era a região em que mais morriam crianças antes de completar um ano de idade, maior índice de mortalidade infantil, é no Nordeste que estão as crianças mais desnutridas.

Então, o que está acontecendo concretamente? Nós queremos elevar. Nós queremos que daqui a 20 ou 30 anos as pessoas se lembrem do Nordeste não porque aqui é um lugar que tem muita gente pobre, mas que lembrem do Nordeste porque é um lugar desenvolvido, é um lugar com boa qualidade de educação, é um lugar com geração de emprego, oportunidade de as pessoas trabalharem.

Quando a ministra Dilma veio aqui, mais ou menos há 15 dias, ela anunciou a adutora aqui de Mossoró para resolver um problema crônico dessa região, e pode ter certeza de uma coisa: no meu governo, eu duvido que tenha um prefeito, uma prefeita, um governador, de qualquer partido que ele seja, que tenha tido um bom projeto apresentado, recusado.

Eu sempre digo o seguinte: o dia em que os prefeitos brasileiros e os governadores aprenderem que o que faz aparecer o dinheiro é o projeto... Se você tiver um projeto bem feito, que seja consistente, dificilmente um governante deixa de passar dinheiro para aquele projeto. Eu sempre lembro Wilma que projeto é que nem fotografia de batizado: às vezes você vai batizar um filho, tem um fotógrafo lá que você nem conhece batendo fotografia de tudo quanto é jeito e você fica até incomodado. Aí, o cara, quando você vai terminar



o batizado, o cara vem te dar um cartãozinho e fala assim: olha, eu tirei umas fotos aí, se o senhor quiser... Você fala: eu que vou querer essa foto? Eu não quero isso. Passam 15 dias, o cara chega a tua casa e bate palma, com o álbum e deixa você ver. Quando você vê o álbum você fala assim: vou comprar. Projeto é a mesma coisa.

Jornalista: Presidente, então só para complementar, em alguns casos ainda falando de reivindicações, às vezes algumas reivindicações são feitas, mas o governo não pode atender. Realmente, é por questão de projeto, às vezes até em detrimento, a favor de outros estados, em detrimento ao Rio Grande do Norte. É realmente questão de projeto ou há um outro (incompreensível) que pode interferir?

Presidente: Veja, o que mais... Não existe interferência política, partidária, não existe interferência ideológica. Eu muitas vezes sou acusado porque trato os governadores do PSDB melhor do que eu trato os do PT. Tem gente que fala: "O Lula comprou a Nossa Caixa do Serra. O Serra é candidato em 2010". Para mim, pouco importa se ele é candidato ou não, se ele é do PSDB ou não. O que importa é que o Banco do Brasil precisava voltar a ser o maior banco do Brasil e nós compramos a Nossa Caixa, em São Paulo, como compramos 50% do Banco Votorantim. Se você imaginar a quantidade de dinheiro que tem no PAC para o estado de São Paulo... Obviamente que São Paulo tem 40 milhões de habitantes, portanto São Paulo precisa de muito mais dinheiro, São Paulo tem mais favelas, e as pessoas pensam que São Paulo é a Avenida Paulista. Mas São Paulo tem uma periferia de nordestinos maior do que Natal e Recife juntas.

Então, nós temos... Nós, quando fazemos um projeto... O projeto é muito importante. Depois, importante, é a situação da melhoria de vida das pessoas que estão naquele estado. E, muitas vezes, quando a gente não tem o dinheiro



é porque você tem dez projetos. Tem que escolher um e, muitas vezes, você escolhe aquele em que as pessoas estão em situação de maior degradação, de maior sofrimento. Então, é aquele que a gente escolhe.

Apresentador: Agora eu vou passar para Suerda Medeiros, da rádio Caicó AM.

Jornalista: Presidente, bom dia. É um prazer estar aqui. Eu vou sair um pouco da política, que é o meu forte, e não falar muito de política. O senhor saiu, em dezembro de 1952, de Garanhuns com a sua família, em um pau-de-arara, para ir morar no litoral do interior de São Paulo. Eu queria que o senhor dissesse aos ouvintes da rádio Caicó e das outras emissoras aqui, que lembranças o presidente Lula guarda daqueles treze dias de viagem de Garanhuns, em Pernambuco, até o interior de São Paulo, presidente Lula?

Presidente: Olha, eu guardo... Engraçado, porque eu tinha sete anos de idade e eu lembro de muita coisa. Eu lembro... Primeiro, dizer que não é nada bom viajar de pau-de-arara porque os bancos de madeira não tinham nem encosto, e você sabe o que é viajar em estrada de terra com banco sem encosto. Eu lembro que a gente dormia embaixo do caminhão, às vezes estava chovendo, a gente saía correndo de baixo do caminhão para procurar um lugar para ficar, a gente não tinha dinheiro para pagar pensão... Tinha muita pensãozinha às margens do rio São Francisco e a gente nunca tinha dinheiro para pagar. Eu lembro que nós saímos de Garanhuns com um saco de farinha de mandioca, com rapadura, com um negócio para comer no caminho. Mas a lembrança que eu tenho mais forte é que a vida inteira eu queria ser motorista. Eu lembro... não sei em que estado que eu encontrei um caminhão de gasolina da Shell, aqueles caminhões amarelos que eu achava bonito. Eu passei 20 anos da minha vida querendo ter um caminhão daqueles. Aí depois peguei um



“caminhão” desses do Brasil para dirigir e eu acho que as coisas estão indo bem. Então, eu guardo muitas lembranças. Eu lembro, como se fosse hoje, do dia em que eu cheguei a São Paulo. Nós chegamos lá em 13 pessoas, pegamos um único táxi para ir para Santos, onde meu pai morava.

E eu tenho lembranças de Garanhuns mesmo, de Vargem Comprida, onde eu nasci. Eu lembro que meus dois irmãos mais velhos não queriam ir, tentaram se esconder. Eu me lembro de um cachorro que a gente tinha que ficou dois dias em volta da casa...

Jornalista: Como era o nome do cachorro?

Presidente: Lobo. Que ele estava em volta da casa chorando para ir com a gente. Olhe, mas tudo isso faz parte do passado.

Jornalista: Mas a sua vida, agora, será mostrada aos brasileiros em um filme dirigido por Fábio Barreto, não é? “Lula, o filho do Brasil”. Como é que o senhor acha que o senhor vai se ver nas telas dos cinemas e como as pessoas, os brasileiros, vão ver o senhor?

Presidente: Olhe, esses dias eu encontrei com o menino que fez o meu papel quando eu tinha sete anos de idade. Certamente ele é muito mais bonito do que eu era, certamente. Mas eu tenho me recusado a ver o filme. Todo dia aparece alguém em meu gabinete dizendo que viu uma parte, que viu “não sei das quantas”. Eu já fui convidado duas ou três vezes para ir ver, eu não quero ver. Eu conheço o livro de cor e salteado porque eu li para saber se tinha algum problema que pudesse incomodar alguma pessoa. Então eu quero que o filme fique pronto e eu vou quando ele for lançado. Obviamente que se o filme retratar com fidelidade aquilo que está no livro, o filme será a mais pura realidade da imagem que eu tenho de toda a minha infância e de juventude.



Jornalista: Bom, voltando à pergunta. Que atividade, por exemplo, econômica (incompreensível) aos estados sofreu com os efeitos das últimas enchentes gerando dificuldades de manutenção, a produção, desemprego, e muito mais. Em que o seu governo poderá apoiar as ações voltadas para a recuperação das... dessa atividade de fruticultura, principalmente ali no Vale do Açu, por onde o senhor vai passar, pertinho ali de Ipanguaçu?

Presidente: Veja, o governo tem cuidado da agricultura como em nenhum outro momento foi cuidada. Nós lançamos o Plano Safra há dois meses, são R\$ 107 bilhões para a agricultura brasileira; são R\$ 15 bilhões para a agricultura familiar, para o Pronaf. Se você pegar os números aqui do Rio Grande do Norte você vai perceber que há cinco anos se tinha meia dúzia de trabalhadores que tinham acesso às linhas do Pronaf, hoje você tem milhares de trabalhadores que estão acessando. Eu tenho me batido com os prefeitos, com os sindicatos, com os gerentes do Banco do Brasil, que nós precisamos desovar o dinheiro. Porque é nessa hora que tem uma enchente ou que tem uma seca que as pessoas precisam de dinheiro. A gente não pode ver o banco ficar guardando dinheiro se as pessoas estão necessitadas. Obviamente, o banco tem as normas dele para emprestar dinheiro...

Nós temos cuidado. Não tem um setor, qualquer que seja ele, que tenha procurado o Governo Federal através dos Ministérios que a gente não tenha nos colocado à disposição e colocado dinheiro para ajudar. E a agricultura, nós sabemos que é um setor muito sensível, porque a agricultura é cíclica, ou seja, às vezes ela passa três anos produzindo de forma extraordinária, de repente tem uma queda. É nessa queda que nós precisamos ajudar a levantar e tem sido assim. Tinham dívidas de agricultores de mais de 30 anos atrás, que não eram resolvidas, nós resolvemos tudo isso, resolvemos tudo isso para que a gente possa garantir aos agricultores brasileiros a certeza de que eles podem



plantar e de que o governo vai ajudá-los, nos bons momentos e nos maus momentos.

Apresentador: Gilson Cardoso, 93 FM.

Jornalista: Presidente, o senhor falou de alguns benefícios que conseguiu para o Nordeste no seu governo, já estamos é... se aproximando do final do seu segundo mandato. O que você gostaria de fazer ou que o seu governo tivesse feito pelo Nordeste, que o seu governo ainda não conseguiu fazer?

Presidente: Ah, tem muita coisa que nós ainda não conseguimos fazer. Só para você ter ideia, Gilson, entre você pensar um projeto, você fazer o projeto executivo, você fazer licitação, você conseguir licenciamento, você cumprir toda essa lógica, toda a lógica da burocracia brasileira que nós criamos... Porque o culpado não é o burocrata, o culpado somos nós, que quando fomos deputados, senadores, fizemos as leis mais rígidas possíveis para controlar a execução de uma obra. Às vezes, você, entre pensar e começar a executar, você leva dois anos. Quando você faz a licitação, a empresa que perde a licitação entra na justiça. Você pode perder mais dois anos. Quando está tudo mais ou menos bom, o Tribunal de Contas pode encontrar uma irregularidade, você para mais um ano, então, é assim que a gente trabalha no Brasil. Eu quero ver se eu dou uma contribuição nesse último ano e meio de mandato para ver se a gente consegue destravar um pouco essa máquina para que ela possa funcionar mais rápido e com a fiscalização, eu diria, até mais séria, mas que não seja uma fiscalização impeditiva da obra continuar. Porque uma obra quando ela para, ela demora muito tempo.

O projeto que mais vai me orgulhar é a transposição das águas do Rio São Francisco, porque isso começou em 1847 com Dom Pedro. De lá para cá, ninguém conseguiu fazer. Todo mundo prometia na época da eleição e não



fazia, todo mundo prometia... Eu cansei de ver candidato à Presidência da República, chegava aqui ao Rio Grande do Norte, dizia: eu vou fazer, chegava à Bahia, dizia: eu não vou fazer; chegava em Pernambuco, dizia, na metade de Pernambuco: eu vou fazer; na outra metade: eu não vou fazer. Chegava ao Ceará: eu vou fazer; chegava em Alagoas: eu não vou fazer. Ou seja, porque parecia que tinha gente que era dona do rio e gente que precisava do rio quando o rio... Todo rio é nacional, todo rio é da União. Nós não poderíamos deixar de fazer e eu, engraçado, que eu não prometi em campanha, eu tinha a convicção de que nós tínhamos que fazer a obra para poder ajudar as pessoas do Rio Grande do Norte e da Paraíba, de uma parte de Pernambuco e do Ceará, e do Rio Grande do Norte a viver dignamente. Levar água para 12 milhões de famílias que vivem nas regiões mais secas do País é uma obrigação nossa. E, agora no mês de setembro, acho que dia 3, se não acontecer nada na minha agenda, eu quero passar três dias visitando a obra. Eu, a governadora Wilma, o governador Cid, do Ceará, o governador Maranhão, da Paraíba, o Eduardo Campos, de Pernambuco, e vou convidar a Bahia, Alagoas e os estados chamados doadores para que eles venham ver o conjunto da obra que está acontecendo. Nós estamos saneando todas as cidades à margem do rio para que não joguem mais dejetos dentro do rio, nós estamos recuperando toda a margem do Rio São Francisco, estamos levando água para todas as comunidades à margem do rio que não têm água, para a gente quebrar aquele discurso: “Tem gente morrendo de sede perto do rio e vocês vão levar água para outro estado”. Então eu (incompreensível), com o Programa Água para Todos, levar água para todas as comunidades e, se Deus quiser, no ano que vem, nós vamos inaugurar a primeira parte da transposição. Então, essa é uma coisa fenomenal.

Outra coisa que eu acho importante que nós estamos fazendo no Nordeste é investimento em educação. Era muito triste para nós chegar ao Nordeste e a gente perceber que as universidades tinham menos mestres e



doutores, que tinham menos pesquisa, que, quando o Ministério da Educação ia avaliar a educação, era o Nordeste que era mais atrasado. Quer dizer, é preciso dar um salto de qualidade, ou seja, é preciso tratar o Nordeste como se fosse uma parte igual deste país. Você sabe os benefícios que o ProUni tem causado no Brasil inteiro, você sabe os benefícios que o ReUni tem causado no Brasil, a Universidade Aberta, as escolas técnicas que, para mim, como eu fiz uma escola técnica, eu acho que é a libertação de um jovem ele ter uma profissão, porque aí, com a profissão, em qualquer lugar do Brasil, quando alguém perguntar: “Sabe fazer alguma coisa?”. Ele vai dizer: “Eu sou isso” e vai mostrar sua carteira. Não tem nada mais orgulhoso do que isso. E agora que eu estou sabendo que o Colin se formou jornalista este ano, acho que se forma este ano, ele vai ter a carteirinha dele. “O que você é?”. “Sou jornalista, está aqui”. Essa é uma coisa maravilhosa na vida de um ser humano. E nós estamos fazendo isso pelo Nordeste.

Bom, você vai... Você me pergunta o que falta fazer? Falta muita coisa, porque você não consegue tirar um atraso de 500 anos em oito anos, ou seja, é preciso uma geração, uma geração e meia para que a gente possa resolver o problema do Nordeste como um todo. Mas eu acho que a Transnordestina, a duplicação da BR-101, os programas de biocombustíveis, as refinarias – aqui já tem uma refinaria de querosene; vai ser feita outra refinaria; vai ser feita uma refinaria em Fortaleza; vai ser feita uma refinaria no Maranhão. Porque nós queremos o pré-sal, e vamos anunciar o marco regulatório dia 31, agora, de agosto. Nós queremos o pré-sal não apenas para sermos exportadores de petróleo. Nós queremos ser exportadores de derivados de petróleo. Nós queremos trabalhá-lo aqui e vender os produtos nobres do petróleo lá fora, por isso nós estamos fazendo uma forte indústria naval neste país, recuperando estaleiros, fazendo estaleiros novos. Só a Petrobras está contratando 200 navios.

Então, eu penso que o Brasil, finalmente, encontrou o seu caminho. Este



país hoje é um país com muito mais motivo de orgulho, com muito mais motivo de orgulho, e todos nós nordestinos, sobretudo vocês que moram aqui, sabem que tem mudado o Nordeste. Hoje, quando a gente encontra o dono de um shopping lá em São Paulo reclamando de ganhar dinheiro, aparece um shopping aqui do Nordeste e fala: “Quer ganhar dinheiro, vai investir em um shopping no Nordeste porque lá o povo está comprando”. Porque o povo pobre, teve um pouquinho de renda, ele não vai comprar dólar. Ele vai comprar o quê? Ele vai comprar comida, ele vai comprar um sapatinho, vai comprar uma meia, vai comprar uma camisa, vai comprar o feijão e arroz de cada dia, e é isso que nós queremos. Eu penso que é isso, eu penso que com mais dez ou 15 anos, a gente vai estar com o Nordeste com uma outra qualidade. Eu espero – eu vou fazer 63 anos, 64 anos agora em outubro –, eu só espero estar vivo daqui a dez ou 15 anos para poder ver o meu Nordeste ter mais orgulho do que ele já tem.

Jornalista: Eduardo Colin, 96FM de Natal. Vamos passar adiante e aproveitar que o Presidente falou que ele está se formando em jornalismo, pedir, Presidente, para o senhor um... O senhor (incompreensível) um apoio ao projeto que pede a obrigatoriedade do diploma de jornalista para exercer a profissão (incompreensível). O senhor falou aí, hoje, já nesta entrevista que, independente do partido que o prefeito faz parte, compõe, o senhor envia. Uma prova disso é Mossoró que está recebendo recursos agora para a adutora, para o complexo da Abolição. Lá em Natal, onde está a 96FM – estamos ao vivo para lá agora – nós temos a prefeita Micaela de Sousa, do PV, que é da sua base, mas que na eleição passada o senhor estava apoiando outra candidatura. Eu gostaria de saber como é que está a sua relação hoje com a prefeita Micaela de Sousa e o que o governo pode fazer, inclusive, agora em relação à Copa de 2014, já que Natal também é uma das subsedes.



Presidente: Colin, deixa eu te dizer uma coisa. Eu... quando você chega à Presidência da República, você, no fundo, no fundo, tem que se comportar com uma grandeza de um pai. Um pai não vê um filho mais bonito do que o outro, o pai gosta de todos. Eu não me importo a que partido pertencem os prefeitos, não me importo. A única coisa que me importa é saber que aquela pessoa foi eleita democraticamente, portanto, ela representa o povo daquela cidade e, portanto, ela tem direito de fazer o seu projeto e ser atendida como qualquer uma. Obviamente que com umas pessoas eu tenho mais amizade e, bom, aí é diferente. A minha relação política com a Wilma é uma relação histórica de quase 30 anos. A minha relação política com um prefeito que eu não conheço é uma relação institucional, não é uma relação de um companheiro. Quando eu recebo, por exemplo, a Wilma, [quando] eu recebo o Eduardo Campos lá em Brasília, eu estou recebendo mais que um governador, eu estou recebendo um amigo. E às vezes eu recebo uma pessoa que eu nunca vi, com quem eu nunca tive contato, e mantenho o respeito institucional. Por isso é que eu digo sempre: eu duvido que tenha um prefeito que diga que foi preterido por não pertencer.

Bem, nós... a questão da Copa do Mundo. Primeiro, eu fiquei muito feliz que Natal tenha entrado, muito feliz, porque antes diziam que eram só outros estados do Nordeste e Natal. Quando a gente pensava em rede hoteleira, poucos estados têm, com exceção de São Paulo, talvez, e Rio de Janeiro, as condições hoteleiras que tem o Rio Grande do Norte. E para uma Copa do Mundo interessa muito uma rede hoteleira, sobretudo porque aqui já vêm milhares e milhares de europeus, todo ano. Tem muita gente até comprando terras por aqui.

Pois bem. Então, o que o governo federal... o governo federal tem compromissos assumidos com a Fifa. Nós, agora, já começamos a discutir, já tem um grupo interministerial que vai discutir a questão da mobilidade urbana, imaginando a Copa do Mundo. Desde o estádio até o centro da cidade você



precisa ter corredor de ônibus, ou ter trem, ou ter metrô, ou ter ruas bem cuidadas, você precisa ter um estádio de futebol decente, você precisa ter uma rede hoteleira decente. E o Brasil tem condições de fazer isso com muita tranquilidade.

Nós vamos criar um grupo interministerial, na verdade, nós vamos começar a colocar dinheiro no orçamento já para 2010, 2011, para quem tomar posse no dia 1º de janeiro já ter um compromisso. O que nós queremos é firmar compromisso: qual é a parte do governo federal, qual é a parte do governo estadual, qual é a parte do prefeito porque, senão... você sabe que cachorro com muitos donos morre de fome porque todo mundo pensa que o outro deu comida, e o bichinho acaba morrendo. Então, se a gente não determinar em um papel, em um contrato o que o governador do Rio Grande do Norte vai fazer, o que vai fazer o governo federal e o que vai fazer o governo municipal, fica um esperando que o outro faça. Então, nós precisamos determinar as tarefas de cada um, colocar isso no papel, todo mundo vai saber, e se não acontecer uma coisa na área do governo federal, nós seremos responsabilizados; se não acontecer no estado, o estado será responsabilizado; e se não acontecer no município, o município será responsabilizado, e todo mundo vai saber quem é quem, por isso a minha alegria. Eu acabei de receber uma informação aqui, da governadora, de que ontem foram liberadas duas Upas para Natal. Upa é uma coisa importante, é Unidade de Pronto Atendimento na área de Saúde, isso começou no Rio de Janeiro e nós queremos fazer 500 Upas até dia 30 de dezembro de 2010. Normalmente, a gente está montando elas nos bairros mais periféricos, mais distantes da cidade porque funcionam 24 horas por dia, é quase que um mini-hospital dentro dos lugares mais necessitados. Nós vamos fazer 500 até 2010, para ver se a gente consegue melhorar o atendimento da saúde ao povo mais carente do País.



Jornalista: Aqui em Mossoró, nós também temos as Upas, eu já fui atendido inclusive porque antes eu morava aqui e posso dizer que realmente é um serviço que deve melhorar muito a questão da Saúde no município de Natal. Agora, vamos a jornalista Suerda Medeiros.

Apresentador: Suerda Medeiros, da Rádio Caicó AM, e daqui a pouco também nós vamos trazer nesta entrevista, com sua permissão, por enquanto, o Bom Dia também do ministro Haddad, da Educação, que é muito importante neste dia de hoje. Suerda.

Jornalista: Presidente Lula, quando o senhor era [não era] presidente, o senhor achava que poderia fazer mais coisas do que realmente um presidente da República pode fazer?

Presidente: Não. Deixa eu lhe dizer uma coisa: eu, eu sou um homem que acho que Deus foi muito generoso comigo, porque se eu perguntar nesta mesa para vocês aqui, a verdade nua e crua, é que muitos de vocês tiveram muitas dúvidas se eu daria conta de governar este país. E eu compreendo isso normalmente porque se colocou na nossa cabeça a vida inteira que para governar um país você tinha que ser doutor, você tinha que ser um grande empresário, um grande fazendeiro. De repente, chega um pau-de-arara, torneiro mecânico, que funda um partido e com 20 anos disputa à Presidência e ganha... até eu tinha dúvida, não só vocês não, até eu tinha dúvida. Porque é um desafio muito grande...

Jornalista: O senhor chegou a ter medo, Presidente?

Presidente: Não, medo não. Eu, sinceramente, quando a gente escapa de morrer de fome até os cinco anos de idade aqui no Nordeste, não há mais



razão para a gente ter medo de nada. Eu, eu, na verdade, eu tinha consciência do que eu podia fazer.

Jornalista: Presidente, qual foi aquele teste que o senhor disse: eu sou capaz de...

Presidente: Deixa eu lhe falar uma coisa importante: não foram poucas as vezes... eu de vez em quando falo para o Obama que ele deve estar se sentindo igual eu me sentia nos primeiros meses. De vez em quando, eu estava deitado com Marisa, conversando e eu falava: será que nós estamos aqui mesmo? Deitados naquele Palácio da Alvorada... Eu falava: será que eu sou presidente da República mesmo? Eu de vez em quando falo para o Obama: você está naquela fase que eu estava no primeiro ano, se perguntando. Ora, como nós tínhamos determinação e tínhamos muitos compromissos assumidos antes de chegar à Presidência da República, nós trabalhamos isso com muita (incompreensível). Eu sabia que era difícil. Eu tive que fazer uma troca do capital político que eu tinha para poder fazer o maior ajuste fiscal que já foi feito neste país. Vocês estão lembrados que eu elevei o superávit primário para 4,25 no primeiro ano, porque eu tinha que ganhar credibilidade no exterior e eu tinha que acalmar aqui a chamada elite, que a vida inteira viveu por conta do Estado e que a vida inteira tinha medo de mim. Eu sabia que eu tinha que, primeiro mostrar que eu ia manter a estabilidade econômica; depois, conquistar a confiança externa para a gente poder receber dinheiro para poder financiar a nossa própria exportação. E nós conseguimos isso. Nós conseguimos isso, e hoje é com muito orgulho... e não só nós fizemos mais rápido, como hoje todo mundo tem clareza de que o Brasil nunca viveu o momento que está vivendo hoje. É um momento de elevação da nossa autoestima, um momento de compreensão... Nunca a imprensa estrangeira escreveu tanto, positivamente, sobre o Brasil como escreve hoje.



Quando eu dizia que a gente era o último a entrar na crise e seríamos os primeiros a sair e que nós iríamos sair mais fortes, muita gente duvidava de que nós sairíamos mais fortes. Quando as pessoas começaram aquela crise de 2005 e gente falava “O governo do Lula acabou, não sei das quantas, tal”, eu tinha clareza de que nós tínhamos plantado, nós tínhamos plantado, e quem planta sabe que não adianta ficar em cima pisoteando e exigindo que nasça logo. Tem o tempo de maturação. Se é um feijãozinho, você vai esperar um dia para brotar e vai esperar 90 dias para colher. Se é um outro pé de coisa, você vai esperar seis meses. Eu tinha clareza que a gente ia dar certo, tanto é que os meus adversários ficaram surpresos quando, no começo de 2006, fizeram uma primeira pesquisa, eles pensavam que o governo tinha acabado e o governo tinha 75%... eu tinha 75% de intenção de votos. Foi a grande surpresa que eles tiveram.

Hoje eu tenho clareza do que nós estamos fazendo no Brasil, tenho clareza do que precisa ser feito, por isso vou apresentar um novo PAC, tenho clareza do que o pré-sal significa para nós, tenho clareza do que significam, para nós, as refinarias no Nordeste, a Transnordestina, a Ferrovia Leste-Oeste, o que significa, para nós, o programa de biodiesel. Uma das coisas que eu sonho com o programa de biodiesel... ele vai levar tempo para se consolidar. Pode demorar 15 anos, 20 anos. Isso é como o Pró-álcool: ele não se consolidou no ano que foi lançado. Leva um tempo. Nós estamos procurando melhorar a semente da mamona, semente do pinhão-manso, estamos estudando o dendê corretamente, para que a gente possa produzir mais, e é por isso que a gente tem incentivado as coisas a acontecerem aqui.

Então, hoje, eu confesso para vocês o seguinte. Hoje nós temos clareza, nós temos certeza do que precisa ser feito, nós temos projetos, muita coisa já está encomendada. Se vocês quiserem imaginar o que vai acontecer no Brasil nos próximos dez anos, segure para não cair da cadeira. Só a Petrobras vai fazer investimento, até 2013, de US\$ 174 bilhões, somente a Petrobras. Entre



navio, plataforma, sonda, prospecção, pesquisa, gasoduto, refinarias, são US\$ 174 bilhões. Não tem hoje, no mundo, ninguém fazendo um investimento dessa magnitude. Talvez a China, talvez a China, mas empresa nenhuma está fazendo isso. Agora, imagine o que isso vai resultar de desenvolvimento, de novas tecnologias. Porque nós queremos utilizar o petróleo para criar uma indústria petrolífera no Brasil para que a gente seja dono do nosso nariz, do primeiro parafuso ao último. Para que a gente não tenha que ficar importando as coisas, ou importando navio. Você imagina o que isso vai gerar de emprego neste país e de oportunidade neste país. Você imagina o que o PAC já está fazendo de emprego neste país. Vocês imaginam o que será o Programa Minha Casa, Minha Vida – é 1 milhão de casas. Isso é um desafio para mim, é um desafio para a Governadora, é um desafio para os prefeitos, um desafio para os empresários, porque ninguém nunca tinha pensado em fazer 1 milhão de casas. E eu resolvi assumir esse desafio.

Mas como a gente está aqui com nosso ministro da Educação, eu acho que vocês poderiam fazer uma pergunta para o ministro da Educação, porque hoje é o dia dele, afinal de contas, hoje nós vamos terminar as sete escolas técnicas profissionais que nós assumimos o compromisso de fazer no Nordeste, a pedido da Governadora. Pois bem, hoje nós vamos entregar sete. O estado tem nove ao todo? Onze?

Jornalista: Tinha cinco. Agora são 12.

Presidente: Tinha cinco, então são 12. Então, esse estado aqui vai ter 12 escolas técnicas profissionais para formar a nossa juventude. Quando alguém, daqui a alguns anos, pegar o potiguar lá no Rio de Janeiro ou em São Paulo e pensar que ele é só catador de caranguejo, vai perguntar: "O que você sabe fazer?". Ele vai dizer: "Olha, eu sou técnico nisso, sou técnico naquilo, eu sou engenheiro". Nós nordestinos não vamos para São Paulo mais para sermos



pedreiros, nós vamos para ser engenheiros, ser médicos, para ser analistas, para ser qualquer coisa. Mas vamos ser um pouco mais evoluídos.

Jornalista: Presidente, daqui a pouco nós vamos fazer com o Ministro, mas vamos fazer uma rodada rapidinha. (incompreensível) mas vamos fazer uma rodada rápida. Daqui a pouco, o bom dia, também, do ministro Fernando Haddad.

Presidente, a Suerda falou agora um pouco da sua vida, do tempo de sertão, de fome. Eu queria fazer uma pergunta que uma ouvinte, uma ouvinte nossa, uma senhora de 72 anos, pediu para fazer em nosso programa, o programa (incompreensível) lá da rádio Difusora de Mossoró. Como é sua vida? O senhor está falando para o povo, que gosta de um feijão, além do lado (incompreensível) do sertão. O senhor que come um feijão daquele do sertão, o senhor, que gosta do sanduíche de mortadela. Hoje, como Presidente, (incompreensível) aquela coisa do Michael Jackson, que ele se vestia de garçom para andar, para comer uma coxa de frango. O senhor não sente essa vontade de ir para a rua, para a feira lá em São Paulo, lá no seu Recife, seja lá onde for para comer aquele sanduíche (incompreensível) o senhor já se vestiu, já se travestiu alguma vez para sair sem os seus seguranças?

Presidente: Não. Eu acabei de comer um pão com mortadela no avião, agora. Obviamente... anteontem eu estava com o governador do Rio de Janeiro e ele estava me convidando para ir à feira de São Cristóvão, que é a grande feira de nordestinos no Rio de Janeiro. Por que incomoda a gente ir? Porque quando a gente vai, é uma quantidade de fotógrafos atrás, de câmeras, de jornalistas, de seguranças, que perturba a vida das pessoas que estão lá ganhando o seu dinheirinho. Eu já vi cair caixa de cerveja, eu já vi cair caixa de refrigerante, já vi gente derrubar barraca. Você sabe que câmeras – como o Stuckert, aqui, filmando a gente – andam de costas. Só que ele não tem olho nas costas. Ele,



de vez em quando, tromba em uma barraca, cai, desmonta. Então, eu não vou por isso. Faz sete anos que eu sou Presidente e eu nunca fui a um restaurante jantar, nunca fui a um aniversário, nunca fui a um casamento, a minha vida...

Jornalista: Tem saudade, Presidente?

Presidente: Tenho saudade, tenho muita, muita saudade.

Jornalista: Mesmo depois que o senhor deixar o mandato, agora, não vai ser complicado, não?

Presidente: Não, não vai ser mais complicado, porque eu vou dono da minha vida. Mas, veja, hoje eu tenho muito cuidado. Se eu quiser ir a um restaurante, a segurança vai querer ir na frente, a segurança não vai querer que ninguém se sente em volta de mim. Então, eu não quero atrapalhar a vida das pessoas. Agora, eu continuo comendo pão com mortadela; eu continuo comendo uma rabadinha no sábado, que ninguém é de ferro; eu continuo comendo um sarapatelzinho, que ninguém é de ferro. De vez em quando aparece um abençoado e me dá uma carinha de bode para comer, sobretudo quando eu venho aqui para o Nordeste. Então, eu mantenho os meus hábitos, ou seja, não abro mão disso e lá em casa eu mantenho a mesma coisa. Se houve um tempo em que o Palácio da Alvorada era refinado, se comia aquelas comidinhas francesas, hoje lá em casa é o seguinte: come-se a comida que o povo brasileiro come. Rabada, primeiro, eu adoro; segundo, feijoada eu adoro; terceiro, uma canja de galinha eu adoro. Então, as coisas que vocês comem são as coisas que eu como, feitas lá em casa. Pode ser que alguém estranhe, mas eu apenas fui eleito presidente, mas eu continuo com os mesmos sabores que eu tinha antes.



Jornalista: Só uma pergunta. O senhor já comeu da carne-de-sol de Caicó, e da paçoca de pilão?

Presidente: Olha, eu não sei se de Caicó, mas que eu já comi carne-de-sol de... picanha de carne-de-sol, que eu nunca visto, eu comi em Natal. E de vez em quando eu recebo umas pecinhas lá, para mim, que também eu tenho muitos amigos aqui.

Jornalista: A Governadora está informando que o senhor já comeu da carne-de-sol de Caicó, né?

Presidente: E paçoca, já, já...

Jornalista: Queijo também de ovelha, queijo coalho...

Presidente: (incompreensível)

Jornalista: (incompreensível)

Apresentador: O Gilson Cardoso, rapidinho, aqui, que a assessoria já está pedindo para a gente encerrar.

Jornalista: Uma pergunta aqui. Fala da política partidária, Presidente. A senadora Marina oficializou o seu desligamento do partido, e ontem, na Comissão de Constituição e Justiça, o senador Paulo Arns, do Paraná, Flávio, anunciou também que deixaria o partido. Há uma crise no PT, Presidente?

Presidente: Eu não vejo crise no PT. Veja, todo mundo sabe que a minha relação com a Marina é uma relação superior à relação partidária. Eu conheço



a Marina há 30 anos, não são 30 dias, são 30 anos. A Marina foi minha Ministra até quando ela quis, ela saiu porque ela pediu demissão.

Mas se a pessoa quer sair de um partido, não está confortável, eu acho que é um direito da pessoa. A minha relação com a Marina não muda absolutamente nada, eu continuo gostando dela, continuo achando um quadro extraordinário. Mas se ela quis fazer uma opção e não me procurou para conversar é porque ela estava com a opção feita. E eu acho que da mesma forma que ela veio para o PT, ela pode sair do PT. Isso vale para mim, isso vale para qualquer um de nós. Saiu porque quis sair. Espero que ela tenha sorte, espero que tudo que ela planeja e dê certo na vida, porque eu quero muito bem à Marina.

O Flávio Arns é um senador no primeiro mandato, é um companheiro que tem os seus valores, mas sempre foi muito encrencado com o PT. Bom, se quiser sair, também... Quem entra, sai. Mas o PT continua forte e continua com muitas possibilidades.

Jornalista: Presidente, para encerrar essa rodada vou fazer uma pergunta, 96 FM de Natal. Seguindo essa linha do... o que o povo gostaria de saber do senhor, porque lá na rádio a gente saiu perguntando: "O que você gostaria saber do presidente Lula?". E a grande maioria das pessoas gostaria de saber e, aí, eu pergunto ao senhor: como político, como militante, sindicalista, enfim, e não em relação ao seu governo, mas em relação a todas essas crises e esses escândalos em que estão envolvidos os políticos do Brasil, eles querem saber, gostariam de saber: será que um dia isso vai acabar? Quando isso vai acabar?

Presidente: Deixa eu lhe falar uma coisa. Eu sou otimista que vai acabar. Porque quando você combate a corrupção, você tem esse problema, ou seja, a corrupção, ela só aparece na imprensa se você estiver combatendo. Quando



you place the Federal Police to do the investigation, when you have the Ministério Público with the freedom that you have in Brazil, when you have the Controladoria-Geral da República that audits all the federal money spread across the country, things start to appear. If you catch the things that the Tribunal de Contas da União, many times, paralyzes a work; if you catch, many times, the investigation of the Federal Police; you will perceive that 90% of the information comes exactly from the Controladoria-Geral da República, controlled by my friend Jorge Hage, my friend from Bahia, also a member, I think of the Ministério Público, I don't know. But it is a friend of a higher seriousness. Then, when you start to investigate, things start to appear, and the more they appear, the more you have to investigate. You are remembering: we hired more than 3 thousand police officers from the Federal Police, we increased their salary, we are qualifying them, because we are interested in ending this, because who wins is the Brazilian people.

Now, it is necessary only for people to take care, Colin, and you, as journalists, know more than I do that many times, there is a lot of smoke and little fire. I, at times, think that one cannot commit the error of making a pre-judgment of people: a person is condemned by a headline. The next day this person is absolved and no one talks about the case anymore. Then, it is necessary that people have responsibility. I do not want for my enemy what I do not want for myself. What do I want? That things be done in the most democratic way possible. If there is a denunciation against you, Colin, I want that you be investigated correctly, that you do not make a carnival of your investigation. At the moment you have a result, you go to Justice, you will be judged and you will be punished. What I cannot do is to condemn you, and after you are absolved and I do not have the courage to say anything, to ask for forgiveness from you. In Brazil we, from time to time, live this situation. People are condemned in advance, because it is very easy for people to pick up the microphone and talk, talk, talk, talk, talk, talk, talk, talk and then people talk: "Puxa vida, será



que eu não exagerei na dose?” Nós, políticos, também no microfone. Muitas vezes, fazendo campanha, a gente achincalha os outros, a gente acusa os outros sem nenhuma prova, apenas porque a gente ouviu falar. Isso rebaixa o nível da política, enoja e muita gente, então, se afasta da política. Quanto mais as pessoas sérias se afastarem da política, mais os picaretas vão entrar na política.

Jornalista: O senhor já se arrependeu de alguma coisa que falou?

Presidente: Eu digo sempre o seguinte, Colin, sobretudo quando eu estou falando com a juventude: o político sério que você quer pode não estar em mim, pode não estar em nenhum de nós. Quem sabe está aí dentro de você? Então, em vez de você ficar apenas xingando os políticos, entre na política, escolha um partido político, faça um partido político, vá ser o senador perfeito que você acha que tem que ser, vá ser o deputado perfeito, porque é assim que a gente vai mudar a política. Se a gente não mudar... quem se acha bom fica de fora esculhambando quem está lá dentro, a gente não muda, a gente não muda. Nós mandamos uma proposta de reforma política para mudar, está lá no Congresso, é só votar. Porque eu acho que se não fizer uma reforma política, a gente não melhora a política brasileira, são sempre os mesmos. Você pode pegar o Rio Grande do Norte como exemplo, pode pegar Pernambuco, pode pegar a Paraíba, as mesmas famílias governam há décadas e décadas e décadas. Tem cidades do Nordeste que até famílias brigam entre elas, ou seja, o Silva um com o Silva dois, que participam de partidos diferentes, se ofendem para a família continuar mandando, é assim. Como é que a gente vai mudar isso sem que haja uma reforma política dura? Está lá no Congresso para ser votado. Deus queira que eles tirem da gaveta e votem.



Jornalista: Presidente, como o senhor falou, hoje é dia (incompreensível), dia de ouro da Educação. Então, o ministro Fernando Haddad está aqui hoje para essa entrega de sete escolas técnicas no Rio Grande do Norte. Então, a festa aí, realmente, é da educação, o dia é da educação. Ministro, bom dia.

Ministro Fernando Haddad: Bom dia. É uma satisfação estar aqui em Mossoró. Rio Grande do Norte merece os parabéns, foi o primeiro estado brasileiro a concluir todas as obras de expansão da rede federal de educação profissional, que é a menina dos olhos do presidente Lula.

Você sabe, Ângelo, que nós, até 2002, em praticamente 100 anos de história da educação profissional no Brasil, havíamos construído apenas 140 unidades. E só o presidente Lula, em oito anos, está entregando novas 214. Ou seja, o nosso governo está fazendo em oito anos uma vez e meia o que foi feito em 100 anos da história da educação profissional.

E essa convicção nós temos, pelo seguinte: nós temos que investir em todas as etapas da educação. Eu sei que, muitas vezes, as pessoas de publicidade dizem assim: você tem que investir em uma coisa só, para marcar essa coisa. Mas se fosse isso, nós não iríamos investir na expansão das creches, nós não teríamos feito o Fundeb, que multiplicou por 14 o investimento da União, sobretudo aqui no Nordeste. Dos R\$ 7 bilhões do Fundeb, cinco vão para o Nordeste, dois vão para o Norte, Pará e Amazonas. Os outros cinco vão para o Nordeste. Nós não teríamos feito a expansão da rede profissional, nós não teríamos feito uma universidade nova, a Ufersa aqui, em Mossoró.

Só para ter uma ideia, a Universidade Federal do Semi-Árido, que saiu de uma faculdade pequena, tinha três cursos quando o presidente Lula assumiu. Transformada em universidade, ela passou a contar com 22 cursos. A pós-graduação, a duplicação das vagas da Federal do Rio Grande do Norte – é o professor Ivonildo, o reitor – dobrou as vagas no período do governo Lula. E



isso tudo se faz com investimento.

A pós-graduação, se nós pegarmos os programas de mestrado e doutorado no Nordeste e compararmos com o passado recente, não havia programas estruturais de pós-graduação. E nós sabemos que a pesquisa está aqui. Quer dizer, tem uma série de projetos de pesquisa. A (incompreensível) no Nordeste sempre faz para programas importantes do governo federal. Toda a questão da produção de frutas, a questão da irrigação, a questão do biodiesel, a questão da geração de energia, métodos alternativos, seja eólica, seja solar. Está acontecendo um monte de coisas no Nordeste. Veja só, o campus (incompreensível), ali vizinha a Natal, que o professor Miguel está desenvolvendo, o Instituto, o Campus do Cérebro, o Instituto de Neurociências, é um instituto internacional. Dos 12 professores, seis vieram de outros países, vieram do MIT, que é uma das maiores instituições de ensino dos Estados Unidos. Por quê? Porque acreditam na ciência brasileira. A ciência brasileira hoje produz conhecimento que coloca o Brasil na 13^o posição. Ano passado, nós superamos a Rússia em produção científica, superamos a Holanda em produção científica. Já, já, vamos estar entre os dez maiores países em produção de conhecimento do mundo.

Você veja que o presidente Lula, a marca do governo dele é ter investido da creche até a pós-graduação. O Brasil profissionalizado, por exemplo, que apóia as redes estaduais de ensino, o Rio Grande do Norte é um dos estados que mais vai receber recursos. Apresentou projetos, (incompreensível), projeto executivo, licença ambiental, vai reformar, construir laboratório. Enfim, eu, realmente afirmo com convicção: é uma nova educação no Nordeste, uma educação que foi relegada por séculos a segundo plano, nunca se investiu em educação aqui, então o governo Lula, eu acho que resgata essa visão integrada de país, não se trata de privilegiar uma região, mas de atender quem mais precisa sem deixar de atender as outras regiões também que estão recebendo os mesmos investimentos, mas é um novo mundo aí que se mostra



no horizonte e na história do povo nordestino.

Apresentador: Obrigado, Ministro. Suerda, para encerrar agora, rapidinho. O Presidente adora rádio, mas ele não tem tempo para bater papo com a gente, senão passava o dia todinho aqui, né? E ao vivo, né, Presidente? Vai lá, Suerda.

Jornalista: Presidente, que perfil teria, na sua opinião o seu sucessor ou sucessora à Presidência da República? Eu gostaria de encerrar com essa pergunta e deixar um abraço meu e dos meus companheiros de profissão aqui, de todos os norte-riograndenses que estão ouvindo essas quatro emissoras, nos quatro cantos do estado. Gostaria de agradecer a sua presença e de ter convidado o veículo rádio para uma entrevista tão legal, tão descontraída, tão bacana, gostei de lhe conhecer, mas antes de ir embora diga que perfil teria o futuro Presidente da República para o presidente Lula?

Presidente: Olha, deixa eu te dizer, eu preciso falar com cuidado, Suerda, porque você sabe que os adversários ficam gravando tudo que eu falo, para depois entrar na Justiça Eleitoral dizendo que eu estou fazendo propaganda. Uma coisa eu não vou negar: só para você ter ideia, o perfil da minha candidata, minha... primeiro, é uma mulher. Minha candidata é uma mulher. Segundo, eu, na verdade, acho que eu gostaria que fosse eleito presidente do Brasil alguém que tivesse o conhecimento que hoje nós temos deste país e tivesse o compromisso de executar as coisas que já estão programadas para este país, porque não tem nada pior do que entrar alguém e parar as coisas, e começar do zero. Sabe aquele cara que quer fazer o carimbo dele? É por isso que o Brasil, muitas vezes, tem coisas que não andam. Então, o perfil é esse: uma pessoa honesta, uma pessoa de caráter e, no meu caso, como eu sou um homem que valoriza a participação das mulheres na política, pode ficar certa



de que a minha candidata será uma mulher.

Apresentador: Presidente, a gente agradece às rádios Caicó AM e FM 96 de Natal e 93, e rádio Difusora de Mossoró. Eu queria dizer uma coisa que um colega nosso disse, um colega nosso americano, falou que o senhor “é o cara”. Muito obrigado.

Presidente: Olhe, obrigado a vocês. Eu queria, Regis, Gilson, Colin e Suerda, dizer para vocês que, para mim, conversar com rádios é uma coisa importante, porque a gente pode conversar no natural. Na televisão você tem que passar base no rosto, na televisão você tem que ficar olhando, tem que ficar preocupado com a gravata, você tem que ter... aqui não, aqui é como se a gente estivesse em uma roda de amigos, conversando, sem censura, as pessoas perguntam o que querem, a gente responde aquilo que a gente sabe responder, e a conversa flui normalmente.

Eu quero agradecer aos ouvintes da rádio Difusora de Mossoró, da rádio 93 FM, da rádio 96 FM de Natal, da rádio Caicó AM. Eu queria agradecer a vocês e dizer que, para mim, é uma felicidade poder fazer entrevista com rádios. O Franklin Martins e todo o pessoal tem articulado: em todas as cidades que eu vou, no Brasil, eu começo o meu dia dando uma entrevista no rádio. Se alguém imaginava, um dia, que a televisão ia acabar com o rádio, que a internet ia acabar com o rádio, que o jornal ia acabar com o rádio, eu quero dizer para vocês que eu acho o rádio cada vez mais forte. O rádio é aquilo que veio para nunca desaparecer, e é onde a gente se sente muito melhor conversando. Por isso, de coração, muito obrigado a vocês.

Apresentador: Bom, e assim se desfaz a rede de rádios e emissoras comandada pela rádio Difusora de Mossoró: a rádio Caicó AM, a rádio 93 e 96 FM. (incompreensível) a rádio Difusora nesta entrevista exclusiva comandada



pela rádio Difusora de Mossoró.

(\$31DGJLP)